

A I L T O N M O R E I R A

**INCONTIDO**  
**SER (VO)**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

# PARTE I

*Desconhecemos o destino, porém durante esta  
contagem regressiva pelo fim, saborearemos  
cada segundo da caminhada.*



# O MORRO QUE DESCEU EM MIM

Lá ao longe, no cume daquela montanha imponente, donde se avistava toda a cidade, um lindo castelo em ruínas atraía os olhares. Sem reis e rainhas, gentes e subgentes, inexistia subserviência. Do lado do castelo havia casas de todas as cores, todas as formas, todos os tipos. Tijolos, blocos, madeiras, latas e papelões. Todas eram telas prontas a serem pintadas, rabiscadas, grafitadas. Apesar das diferenças óbvias no aspecto construtivo, seus moradores desconheciam classes sociais.

Apesar da diversidade, uma coisa todas as casas tinham em comum: suas portas quase sempre entreabertas. Crianças descalças brincavam sem temor, sem ressalvas, numa leveza angelical. Elas adentravam pelas portas entreabertas da frente e saíam pelos fundos. Corriam livres e sem medo das armas que ferrem tais como os olhares dos forasteiros. Aproveitavam o privilégio que era viver ali. Lá no alto se sentiam gentes.

Já no vale, longe do conforto e da segurança palaciana, imperava uma ditadura. Suas opiniões não eram ouvidas,

seus clamores não eram atendidos. Não podiam correr livremente como lá no alto, pois as casas ali eram quase todas trancafiadas. Grades nas janelas e até nas portas tornavam cada casa numa autêntica jaula. As pessoas pareciam se acostumar com esse autoenjaulamento diário. Diziam que era para se defenderem das gentes lá de cima. Gentes como eu. Para adentrá-las, era preciso impressão digital, reconhecimento facial, validação em duas etapas... Era tudo tão difícil e burocrático! Talvez uma tentativa de vencer pelo cansaço os possíveis visitantes.

Bem, aquelas almas leves que na montanha eram praticamente da realeza, no vale se tornavam súditos, escravos de um sistema ditatorial que parecia não ter fim. Lá embaixo, as gentes se sentiam subgentes.

Nesta dicotomia implementada a força, a realeza do morro era obrigada a aprender a se portar no vale. Não era fácil trocar a postura apenas para que fossem aceites em certos lugares. Esse camalhonismo diário corrói, destrói vidas! Porém a luta continua. Sendo preciso essa camuflagem, que então desde cedo seja ensinada, diziam.

Assim, entre uma brincadeira e outra lá no alto, deram-se início às aulas de reforço. Reforço dos alicerces estremecidos. Ensinar a arte de se camuflar, de se comportar e de ser resiliente. Ao fortalecerem as crianças e a juventude, a minoria aos poucos começaria a ser minoria no sentido literal da palavra. Se pelas faces que circulam nas ruas deste país não se tem a noção que somos a maioria e que, como tal, somos a força motriz da mudança, talvez a matemática e a estatística nos façam esse favor de

desmascarar o que se encontra velado e nos faça livrar de vez desta hipersonia mórbida.

Neste preparo para os combates diários no vale, as gentes do alto acabaram por encontrar a força necessária para reerguer os muros daquele palácio. Após as obras de reparo e os apoios financeiros recebidos, inclusive da prefeitura da cidade, num dos poucos gestos de benevolência para conosco, o palácio se tornou a mais bela de todas as estruturas da cidade. Apesar de sua exuberância sem par, o que mais chamava a atenção dos transeuntes e turistas era aquela porta gigantesca que nunca fechava. Não ficava entreaberta como das demais casas. Ela ficava integralmente aberta para que qualquer ser despido de ignorância, pudesse encontrar ali a sua fortaleza. Um forte sem canhões, sem armas de guerra, mas capaz de provocar uma revolução massiva. É que ao invés destas armas que ceifam vidas, o palacete munuiu-se de saber, de artes, de ciência. A quem passasse pelas portas do palacete, o aguardava uma parede belíssima composta por livros. O saber produzido no morro era, assim, cuidadosamente mantido e resguardado para as gerações presentes e vindouras. Cada tijolo-livro testemunhava as lutas e as dores dos seus autores, mas sobretudo, as vitórias singelas de uma legião de incontidos servos que habitavam aquele lugar.



# INCONTIDO SER(VO)

Já não caibo mais em mim. Me sinto um estranho neste casco que a cada dia perde seu efeito protetor. Sei que este casulo que a vida me deu me fez chegar até aqui, porém não o quero nem preciso mais.

Todas as manhãs era a mesma rotina. O barulho do despertador era o prenúncio da mesmice. A demora ao levantar sinaliza a vontade de me deixar vencer pelo sono, pela cama, pelo sonho interrompido, pelas irresponsabilidades, e simplesmente desvencilhar-me de todos esses entulhos acumulados ao longo dos anos. Limpar-me das remelas que limitaram e continuam limitando meu olhar, impedindo-me de enxergar qualquer futuro que divirja deste caminho preconcebido, que pode até agradar outros, mas a mim, não mais. Quero romper com este círculo de fogo, entrar em erupção.

Não me reconheço mais. Sim, eu sonhei viajar o mundo, ler mais, compor mais, cantar mais...Em vês disso me deixei levar pelo trabalho, pela opinião alheia, pela utopia e me perdi de mim mesmo. Descarrilei-me dos meus sonhos para viver a dos outros. Ser bem-visto, bem-falado, bem em tudo, perfeito. Assim são minhas redes sociais,



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

CONTATO  
[ailtonjgmoreira@gmail.com](mailto:ailtonjgmoreira@gmail.com)

---

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2024.

---